

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira, 14 de março de 2000

NA ÁGUA MINERAL, VISITANTES IGNORAM PROIBIÇÃO E DÃO ATÉ REFRIGERANTE AOS ANIMAIS

Fotos: Anderson Schneider



Flagrante: visitante dá comida a um macaco, apesar das advertências de fiscais do Parque Nacional

RESPEITEM O MACACO

Da Redação

Eles só andam em bandos, quatro ou cinco pelo menos. Vão chegando discretamente, devagar, pulando de galho em galho, até ficar bem próximo da área em volta da piscina velha da Água Mineral, no Parque Nacional de Brasília. Os macacos-prego aparecem a todo instante sempre atraídos pelos restos de comida levada pelos visitantes. Ou pela ação de pais que, para distrair os filhos, atraem a atenção dos animais oferecendo alimento.

Os visitantes gostam, e as crianças se divertem com o jeito moleque dos pequenos macacos, que mais parecem se exibir para o público. O perigo está no artifício usado pelas pessoas para atrair a atenção dos bichinhos: alimento de todo o tipo — apesar das placas que alertam para a proibição de dar comida para animais silvestres.

Essa espécie de macaco (*Cebus apella*) se alimenta de frutos, sementes, insetos e pequenos vertebrados. A comida do bicho-homem é prejudicial para a saúde desses animais. "As pessoas são ignorantes, não respeitam os avisos. Dão picolé, refrigerante, pipoca, caldo de cana, suco e outras porcarias", denuncia um antigo funcionário do parque que prefere não se identificar.

Caio Aleixo Nascimento, biólogo do Departamento de Fiscalização do Ibama (Instituto Nacional do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), diz que alimentos doces, como balas, provocam cáries nos macacos. Já as comidas gordurosas e salgadas, por exemplo, podem trazer problemas renais e de pele. O diretor-geral do Parque Nacio-

nal, Elmo Monteiro, conta que os fiscais de plantão trabalham dobrado em dias de muito movimento — feriados e fins de semana ensolarados. O desrespeito dos pais é imitado pelas crianças, apesar dos apelos de funcionários do parque para que não deem guloseimas aos macacos.

Na opinião do professor Afilton Cavalcante, 32 anos, deveria haver uma fiscalização mais intensa para coibir os abusos. "As pessoas vêm para cá, trazem comida e depois deixam a sujeira jogada por aí", reclama Afilton, frequentador das piscinas do Parque Nacional nos finais de semana. "Sempre venho caminhar, dar um mergulho."

De tanto receberem comida, pode-se dizer que os macacos-prego estão viciados em aparecer na piscina velha da Água Mineral. Isso é ruim porque eles deixarão, aos poucos, de procurar alimento no seu habitat em busca dos restos deixados pelos visitantes.

Os animais já descem das árvores para o chão, perto da piscina, e ensaiam uma aproximação dos visitantes. Um ou outro permite ser tocado. "Eles estão ficando bastante ousados", comenta a geógrafa Raquel Milano, especialista em manejo de área selvagem do Parque Nacional. Raquel teme que visitantes sejam atacados, pois os macacos vão acabar tirando comida à força. "Se não tiver mais jeito, vamos ser obrigados a transferi-los para outra área. O manejo é complicado, e pode haver perdas."

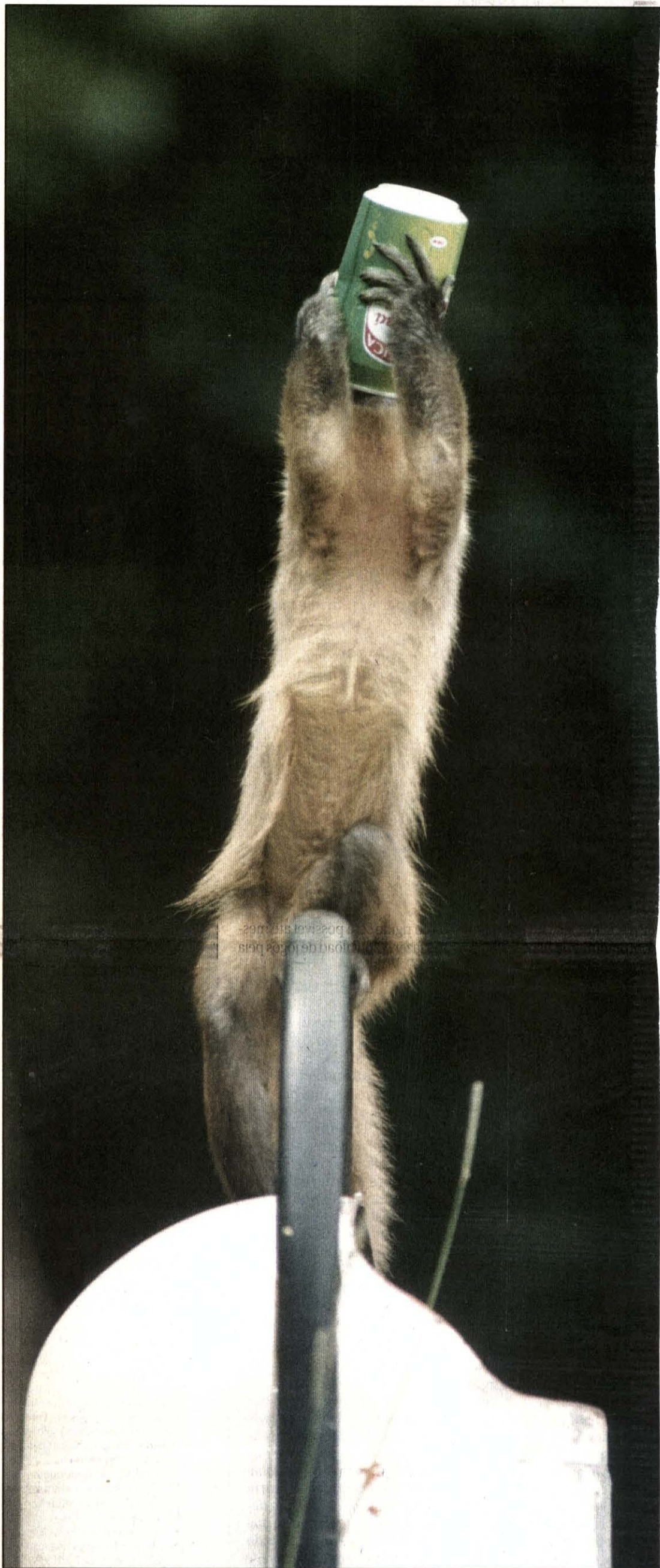
"Macaco gosta de banana, não?", rebate um visitante da Água Mineral, que não quis dar entrevista, flagrado pela reportagem atraindo um grupo de macacos-prego com banana.

PARA SABER MAIS

Terror dos milharais

De pelagem castanha clara — às vezes um pouco mais escura — e cabeça negra, os macacos-prego (Cebus apella) são conhecidos por sua vivacidade, curiosidade e desenvolvimento intelectual. Essas qualidades os tornam os preferidos dos tocadores de realeza e animadores de circo, que têm facilidade em domesticá-los. Também muito usados para teste de drogas e estudos de comportamento em laboratórios.

Esse macaquinho brincalhão é bastante encontrado desde Honduras, na América Central, até o Sul do Brasil. Habitam principalmente as florestas equatoriais, campos e cerrados de vegetação rala. Usam a cauda para obter equilíbrio e passam a maior parte do trepados em árvores. Só deixam o habitat em busca de água ou comida. São o terror dos milharais devido ao dom de arrancar espigas de milho com habilidade. Detestam folhas, alimentam-se de frutos, sementes, insetos e pequenos vertebrados.



Macaco-prego corre perigo ao imitar o homem: açúcar do refrigerante pode provocar cárie

Ibama e GDF vão caçar cães selvagens

Newton Araújo Jr.
 Da equipe do Correio

Os cães selvagens que ameaçam a fauna do Parque Nacional de Brasília — a popular Água Mineral — estão com os dias contados. A partir da próxima segunda-feira, a Gerência do Controle de Zoonoses (da Secretaria de Saúde do DF) e técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) começam uma operação massiva de erradicação desses animais da área do parque. Antes domésticos, esses cães se tornaram selvagens e agora a solução é exterminá-los.

Essa é a primeira de uma série de ações conjuntas entre o Ibama e órgãos do GDF para resol-

ver problemas que vêm ameaçando há anos uma das unidades de conservação mais importantes do país. Esse trabalho conjunto só se tornou possível com a sensibilização do ministro José Sarney Filho, do Meio Ambiente, para os problemas do parque, mantido pelo governo federal. "Conversei com o governador Joaquim Roriz, que se mostrou receptivo a estabelecer essa parceria", conta o ministro.

Técnicos da Secretaria de Meio Ambiente (Sematec) e do Ibama discutiram, ontem mesmo, ponto a ponto todas as ações necessárias para conservar melhor o parque. "Vamos estreitar a relação com o Ibama para o controle permanente do Parque e seu entorno", adianta Fernando Fonseca, diretor do

"VAMOS ESTREITAR A RELAÇÃO COM O IBAMA PARA O CONTROLE PERMANENTE DO PARQUE"

Fernando Fonseca, diretor do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema), da Sematec

Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema), da Sematec.

Dois pontos importantíssimos — que comprometem seriamente o parque — dependem de uma decisão do governador Joaquim Roriz. Trata-se das ocupações irregulares na invasão da Estrutural (vizinha ao Parque) e na área da futura Floresta Nacional de Brasília

(Flona), localizada na Área de Proteção Ambiental (APA) do São Bartolomeu, região que abastece de água Brasília e também é vizinha do parque. Três outros parcelamentos vizinhos ao parque serão reestudados.

"A Flona é unidade de conservação e não comporta invasões. Também não há como deixar na Estrutural as pessoas que lá vivem. Elas têm de ser remanejadas, até mesmo por questões de saúde, pois estão vizinhas ao Lixão", deixa claro Luiz Márcio Haddad, diretor de Unidades de Conserva-

ção e Vida Silvestre do Ibama. "Vamos levar a sugestão do Ibama ao governador, pois essas são decisões de governo", diz Fernando Fonseca. Ele não sabe se o governo acatará a sugestão do órgão federal nem se já existe alguma solução formulada para o problema. "Isso envolve várias esferas governamentais, não só a ambiental."

Outro problema já tem solução, mas não imediata. O Lixão da Estrutural terá fim 18 meses depois que for assinado o contrato para o tratamento do lixo do DF. Ontem, uma liminar adiou a abertura das propostas de terceirização do lixo. "Não mais serão depositados detritos no Lixão", ressalta Fernando Fonseca. Estudos técnicos definirão qual a solução mais adequada

para a decomposição do material que foi depositado lá. Produtos químicos apressam esse processo. A área depois será incorporada ao Parque Nacional.

Será reavaliada ainda a rede de drenagem pluvial na vizinhança do Parque, principalmente no Setor de Oficinas Norte, para detectar irregularidades e corrigi-las. A Secretaria de Saúde fará análise laboratorial periódica da água das piscinas e das fontes utilizadas pelos banhistas. A piscina será cercada e chuveiros e lava-pés serão obrigatórios para quem quiser utilizá-las. Pensa-se ainda em exigir exames médicos dos frequentadores, para evitar transmissão de doenças de pele. Mas essa é uma solução difícil de ser posta em prática.